

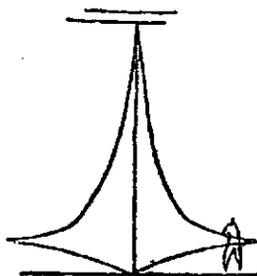
LIBRARY 100 0 #
C.B. 32910

BRASÍLIA

E A

OPINIÃO MUNDIAL

II



RIO DE JANEIRO
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
Serviço de Documentação

1959

Presidência da	
República	
BIBLIOTECA	
N.º	DATA
5243	28.9.59

Este é o segundo documentário das manifestações da opinião pública mundial sobre Brasília, seja em artigos e comentários publicados em jornais e revistas, seja em notas transmitidas em programas de rádio e televisão. Aos excertos de artigos e críticas somam-se opiniões de estadistas, arquitetos e intelectuais que visitaram Brasília. Uma tábua cumulativa assinala as opiniões estampadas nos dois volumes, distribuindo-as por ordem geográfica.

SUMÁRIO

I — AMÉRICA	
Argentina	9
Canadá	11
Chile	13
Estados Unidos	13
Honduras	18
México	18
Uruguai	19
II — ASIA	
Japão	21
Israel	21
Jordânia	22
III — EUROPA	
Espanha	23
Finlândia	27
França	27
Irlanda	32
Itália	32
Noruega	36
Países Baixos	36
Portugal	37
Reino Unido	42
Suíça	48
IV — OCEANIA	
Austrália	51
Tábua cumulativa	53

I — AMÉRICA

ARGENTINA

84

De um artigo na revista «Mirador», de Buenos Aires, número 4, de outubro de 1958:

... Transforma-se em realidade, num ritmo acelerado, o velho sonho de transferir para o interior do Brasil a sede do Governo. O esforço extraordinário da atual administração federal concretizará em curto prazo essa antiga aspiração.

... O momento (para a mudança) não poderia ser mais apropriado. A dinâmica do atual desenvolvimento dá à estrutura do país a necessária plasticidade, por assim dizer, para que Brasília possa transformar-se em um centro de irradiação econômica, cultural e social, no elemento unificador e nivelador anelado por seus criadores. Será Brasília, quiçá, «a fundação do equilíbrio nacional», como a definiu o Presidente Kubitschek.

85

De uma entrevista do Professor Cecilio Romaña, catedrático da Universidade de Nordeste, em 29 de outubro de 1958:

... Não direi que gostei de Brasília: fiquei deslumbrado. Porque, depois de ver o que já se realizou,

não me cabe a menor dúvida sôbre o final feliz desta extraordinária empresa. Nem pode ser de outra maneira, porque Brasília é uma aposta entre o povo brasileiro e seu destino, e nada poderá detê-lo. Brasília abrirá um capítulo novo na história do Brasil.

86

De um artigo de Manuel Kantor na revista «Hogar», de 14 de novembro de 1958:

Tôda a Praça dos Três Podêres criará um jôgo de formas, essência magnífica de arquitetura envolta em luz.

Mas, de surpresa em assombro, o que mais encanta aos que têm inclinação para a fantasia, mais ainda que as admiráveis obras arquitetônicas, é a transformação da natureza.

... Agora vejo Niemeyer, queimado do sol, expressão serena, semblante sadio, isolado do Rio de Janeiro, totalmente entregue à felicidade de construir uma cidade com uma liberdade não conhecida na história da arte e na arquitetura atual. Pensamos nos harmoniosos tempos da Grécia e do Renascimento.

87

De um artigo de Bernardo Canal-Feijoo em «La Nación» de Buenos Aires, em 11 de janeiro de 1959:

Não pode deixar de parecer profundamente significativo, de ser muito sugestivo que, para designar o

novo assentamento da capital nacional, o espírito político brasileiro tenha escolhido precisamente o próprio nome com que a ciência reconhece o mais firme e o mais vasto do substrato geológico que alicerça a estrutura temporal da nação. Brasília é a capital de uma nação assentada sôbre um continente denominado Brasília (pelo geólogo Eduardo Suess, no século passado), o qual aí se resume e segue, mais ou menos subterraneamente, para o Sul, além dos limites cartográficos da nação.

... Possivelmente a expansão territorial brasileira já esteja detida para sempre, fronteiras afora. Mas não é esse o único programa de expansão possível para uma nação nova e moderna. Por muito tempo o espírito de empresa terá aberto ali o campo que quiser, dentro das próprias fronteiras cartográficas. Brasília é o exemplo insuperável da empresa nacional de expansão para o interior. É um passo firme, em solo rijo e próprio, de um país que já alcança seu futuro autêntico.

CANADÁ

88

De uma correspondência telegráfica publicada no «Hamilton Spectator», de Hamilton, Ontário, em 15 de outubro de 1958:

Brasília apresenta o aspecto de uma cidade que brota impetuosamente numa pradaria, exceto no lugar

em que o Palácio da Alvorada e o Hotel de Turismo surgem do solo, projetando sua aparência futurista no cenário, ao lado de majestosos ministérios e edifícios para o Congresso.

A nova capital é uma jóia arquitetônica.

89

De uma correspondência telegráfica publicada no «Brandon Sun», em 12 de novembro de 1958:

Kubitschek espera que a mudança da Capital promoverá o estabelecimento em vastas zonas novas do interior. A construção da rodovia Brasília-Belém já abriu uma nova área de trabalho. Sob muitos aspectos, êsse acontecimento se compara com o movimento para Oeste dos pioneiros da América do Norte, há cem anos.

90

Telegrama dirigido ao Presidente Juscelino Kubitschek pelo Senhor Sidney Smith, Ministro do Exterior do Canadá, após sua visita a Brasília em fins de novembro de 1958:

Acabo de deixar Brasília no avião tão generosamente pôsto à minha disposição por V. Ex^a. Apresso-me em dizer a V. Ex^a que estou impressionado com o seu projeto, concebido com visão e sabedoria. O que foi realizado até agora e as promessas asseguradas são o símbolo de um novo e sempre mais poderoso Brasil.

*De um discurso do Senhor Hector Mar-
dones Restat, Presidente da União Interna-
cional de Arquitetos, no Seminário de Arqui-
tetos e Urbanistas, Rio de Janeiro, 14 de
outubro de 1958:*

Neste momento estamos assistindo todos à criação de Brasília — criação espetacular de uma grande cidade que servirá de exemplo ao mundo inteiro.

ESTADOS UNIDOS

*Do figurinista Adrian, do cinema norte-
americano, em uma entrevista ao «Diário Ca-
rioca», de 21 de agosto de 1957:*

Será uma cidade magnífica. O clima é ameno e o lugar é bellissimo. A terra é boa e não faltam rios de água limpida. Tem Brasília tudo o que é necessário para uma vida boa. Foi grande a idéia do Presidente Kubitschek, ao resolver transferir a capital.

*De uma entrevista do Sr. Roy Howard,
diretor do «The World Telegram and Sun»
Nova York e ex-diretor da United Press,
aos jornais brasileiros, em 25 de fevereiro de
1958:*

É preciso muita imaginação, coragem e confiança para levar a cabo um empreendimento como este. Vi

Ancara e Camberra nascerem do nada para se transformarem nas capitais da Turquia e da Austrália, de modo que não tenho dúvidas quanto ao futuro de Brasília. Em verdade, ela é o maior desafio que encontrei nos últimos tempos.

94

De uma carta do arquiteto norte-americano Richard Neutra ao Presidente Juscelino Kubitschek, em junho de 1958:

De volta a Washington, tenho sempre lembrado em minhas conversas a profunda impressão que tive da nova Capital do Brasil e da maravilhosa obra planejada por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Espero que o Palácio Presidencial esteja concluído, na sua beleza e esplendor, a demonstrar a liderança do Brasil nos projetos arquitetônicos do mundo contemporâneo, país ao qual muito devem os arquitetos de países que visitei, em todos os continentes.

... Permita-me reiterar-lhe que tive imenso prazer em encontrar Niemeyer, cujo gênio admiro desde que visitei Belo Horizonte, há mais de doze anos. Oscar Niemeyer produziu uma obra-prima, estimulado por um cliente de fascinante visão como é Vossa Excelência. Desejo que êsse admirável trabalho de Brasília, sob a liderança cívica e artística de Vossa Excelência, continue vitorioso e atinja a um término feliz.

Como estamos no momento construindo a Embaixada Americana em Karachi, no Paquistão, tive ocasião de visitar, no nosso Departamento de Estado,

Mr. Hughes, chefe da Divisão de Construção, e pude verificar com satisfação que êle é igualmente entusiasta do Brasil.

95

De um artigo publicado pela revista «Business Week», de Nova York, em julho de 1958:

(Brasília está) . . . no centro de um país do tamanho dos Estados Unidos com mais um Estado do Texas de quebra.

. . . Até recentemente, Brasília era apenas um sonho, de que se falava desde o século passado. O Presidente Juscelino Kubitschek, entretanto, fêz o que muitos brasileiros consideraram uma ousadia — levou a sério o sonho e resolveu convertê-lo em realidade.

96

De uma mensagem dirigida pelo Presidente Dwight D. Eisenhower ao Presidente Juscelino Kubitschek, em 2 de agosto de 1958:

É particularmente grato para mim saber que o Secretário Dulles visitará, com Vossa Excelência, a futura capital do Brasil, Brasília. Êste empreendimento que vem ao encontro de uma velha aspiração dos seus compatriotas, é um atestado eloqüente do vigor e da imaginação do povo brasileiro, agora no limiar de uma conquista maior do vasto interior de seu abençoado país.

De um artigo na revista «Contact», de novembro de 1958:

Brasília está mudando a face do Brasil. O que era uma vastidão vazia está conhecendo agora um surto de valorização da terra e do transporte em benefício do interior ainda não desenvolvido, atraindo homens de negócios às centenas. A notável cidade desperta atenção no mundo inteiro, à medida que o Brasil vai comprovando que seu desmedido potencial pode efetivar-se por meio de uma capital totalmente nova, que enriquecerá a nação.

De uma série de artigos de Inez Robb no «New York World-Telegram and Sun», de 20, 21 e 25 de novembro de 1958:

O dicionário Webster tem uma palavra para esta cidade que brota do vazio, nas elevações do Brasil central, e a palavra, empregada em sentido conservador, é «fantastic».

... Depois da bomba atômica e do Sputnik, Brasília incorporar-se-á seguramente à História como um dos mais audaciosos projetos do século XX.

... Estar em Brasília, penetrar na magnitude do plano, na grandeza do sonho e nas dificuldades de sua concretização — eis aí uma das mais excitantes e estimulantes experiências de uma vida.

... Espero que uma Edna Ferber brasileira já esteja vivendo em Brasília, tomando notas e realizando pesquisas para uma novela movimentada e borbulhante, do tipo de «Ice Palace» e de «Giant». Há um romance igualmente grande nesta campanha para criar em três anos uma cidade de 500.000 habitantes onde há dois anos havia apenas selva.

Brasília é um novo «Giant» de Edna Ferber.

... Brasília é um dos grandes projetos do século XX. Ela conta com o apoio do Presidente Juscelino Kubitschek e com o gênio do arquiteto Oscar Niemeyer. Agora, Brasília só precisa da força de Paul Bunyan e do pulso de Midas!

99

*De uma reportagem de H. Firsbrook
Hector no «The Christian Science Monitor»,
de Boston, de 31 de dezembro de 1958:*

O Brasil oferece exemplo único de construção de cidades que se enraizam e crescem. Nos últimos 60 anos, construíram-se no Brasil, do nada, seis cidades, a mais famosa das quais é Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, rico em mineração. Mas, como disse o «Times» de Londres, é preciso recuar até a criação da cidade de Washington, em 1790, a fim de se encontrar paralelo para a empreitada de Brasília.

Washington e Brasília foram idealizadas depois do grande esforço de separação da mãe pátria. Ambas foram planejadas em uma escala grandiosa e dignifi-

cante. Ambas foram matéria de conversação e assuntos para ironistas. Washington, entretanto, nasceu logo depois que se conseguiu a emancipação do país. Em sua evolução, passaram-se anos até que se pudesse chamá-la efetivamente de cidade.

Dentro em três anos Brasília surgirá como a capital crescida de um país adulto — de um Brasil propulsionado a jato na era da aviação.

HONDURAS

100

De um telegrama dirigido ao Presidente Juscelino Kubitschek pelo Senhor Ramón Villeda Morales, Presidente da República de Honduras, após sua visita a Brasília, em junho de 1958:

Profundamente impressionado pelo rápido desenvolvimento da futura Capital do Brasil, congratulo-me com V. Exa. pelo seu decidido empenho em dotar êste país de uma metrópole geograficamente condicionada para promover o integral desenvolvimento da Nação.

MÉXICO

101

De um artigo de Diaz Ruanova publicado no jornal «El Universal», de México, em 8 de janeiro de 1959:

É apenas um lugar no mapa, um espaço na selva desbravada, uma marca no terreno, a idéia na mente

de um governante, o projeto nos planos e nas *maquettes* de arquitetos, de artistas, de urbanistas. Brasília nasce apressadamente, como a cidade mais m^oça de uma nação que volve seus olhos para uma era de velocidade supersônica. Vai nascendo geomêtricamente, com riscos exatos, mas sem durezas nem arestas, com um sentido de coerência nos materiais e nos lineamentos; porque, se a gigantomaquia é uma acumulação insensata de muitas coisas pequenas, a grandeza surge sempre, nos grandes momentos dos povos, como unidade de vida, de estilo, de pensamento e de linguagem.

... Para colonizar é necessário comunicar, sanear, planejar, edificar. Não é esta a primeira vez, nem será a última, em que o Brasil, animado por uma grande idéia, se permitirá o luxo vital, o supremo esporte intelectual de construir uma urbe t^oda nova, seguindo um plano estabelecido.

URUGUAI

102

*De uma nota no jornal «El Bien Publico»,
de Montevideu, de 27 de dezembro de 1958:*

... Esta grande Catedral de Brasilia erigir-se-á na nova capital do Brasil: sua arquitetura é uma verdadeira revolução na matéria. Brasília, cidade que substituirá o Rio de Janeiro, será um prodígio para o país irmão, cujo Govêrno está trabalhando atualmente com grande intensidade para converter em realidade um projeto ambicioso.

II — ASIA

ISRAEL

103

De uma entrevista concedida a «O Globo», Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1958, pelo arquiteto David Reznik, representante de Israel no Congresso Internacional de Arquitetos:

Inegavelmente, os olhos do mundo inteiro estão, neste momento, voltados para Brasília, devido às soluções que ela pode apresentar nas presentes experiências urbanísticas, econômicas e humanas. É a conquista do país pelo próprio povo.

... A conquista do *hinterland* brasileiro representa o futuro do Brasil.

JAPÃO

104

Opinião do Príncipe Takahito Mikasa em entrevista à imprensa de São Paulo, em 19 de junho de 1958, após uma visita a Brasília:

Brasília causou-me profunda impressão. Quando estiver pronta, será uma metrópole linda e moderníssima.

De um artigo de Danton Jobim, no «Diário Carioca», de 24 de janeiro de 1958:

O jovem e simpático Rei Hussein, da Jordânia, por quem fomos recebidos em Amã, podia não saber muita coisa a respeito do Brasil, mas sabia o suficiente para nos perguntar que notícias lhe trazíamos de Brasília.

III — EUROPA

ESPAÑA

106

De um artigo do escritor espanhol Salvador de Madariaga divulgado em agosto de 1957 pelo semanário londrino «Time and Tide»:

A idéia (da mudança da Capital) é suscetível de provocar resultados felizes e, ao mesmo tempo, constitui um exemplo a ser seguido pelos outros países.

107

De uma correspondência da Agência Arco, divulgada em agosto de 1957, em cerca de vinte jornais da Espanha:

Até agora, Brasília havia sido apenas o nome de um asteróide: o asteróide número 293... Mas, dentro de muito pouco tempo, Brasília será a capital do maior Estado do Continente americano, o Brasil, cuja capital, desde 1773, é a cidade cosmopolita do Rio de Janeiro.

... Agora, afinal, Brasília será uma realidade — e muito em breve.

... É preciso. Há todo um futuro para o país, que o exige em altos brados, um futuro cuja base fundamental é a unidade política e industrial, o amplo desenvolvimento econômico e social do interior, a eficiência administrativa, etc.

108

De um artigo de Noel Clarasó no jornal «La Vanguardia Española», de Barcelona, 12 de junho de 1958:

— Não pensais, às vezes, que uma cidade completamente nova, tóda ela construída sôbre plantas, tóda terminada e rematada antes que nela se instale seu primeiro habitante, poderia ser uma aventura estupenda, exemplo para as gerações futuras?

— Sim, na imaginação; na realidade, seria impossível.

— Pois nem tanto. No Brasil, estão fazendo uma cidade completamente nova, e não uma cidadezinha qualquer, mas uma grande cidade que se chamará Brasília e estrá terminada dentro em dois anos, e comportará meio milhão de habitantes — uma cidade que será nada mais nada menos que a capital do país.

109

De um discurso do Senhor Manoel Fraga Iribarne, Deputado espanhol, na Conferência da União Interparlamentar, no Rio de Janeiro, em 28 de julho de 1958:

... Que a todos nós sirva de exemplo êste Brasil admirável que tem sabido vencer tódas as dificuldades

para erguer uma sociedade próspera e hoje continua o espírito dos bandeirantes, edificando com a mais progressista das arquiteturas a mais ousada das capitais, Brasília.

110

De um artigo na revista «Mundo Hispanico», de Madrid, dezembro de 1958:

Em vários lugares do mundo considera-se Brasília como uma projeção telúrica e exemplo para as gerações futuras.

A obra está em marcha e espera-se que o Palácio Presidencial se inaugure em 1958. Esse será, sem dúvida, um dia histórico para a Nação brasileira.

Brasília, capital de caminhos aéreos e terrestres. Cidade jardim. Sonho secular do Patriarca da Independência.

111

Artigo de Melchor Auñón no suplemento dominical de «Ya», 14 de dezembro de 1958:

Brasília é algo que supera a tudo o que se imagina, algo que haveria assustado ao próprio Julio Verne, se alguém lhe falasse a respeito.

Brasília é necessária, aos brasileiros, para poderem dizer ao mundo o fabuloso que é o Brasil, para que se comprove o fabuloso da construção de suas rodovias através do imenso mar de selva que cobre mais de metade de seu imenso território, para falar da gran-

deza de levantar cidades onde hoje não existe mais que barro.

O Brasil não é mais forte por estar talvez doente; sofre do coração, que ainda não amadureceu; por isso, talvez, queira ir até Brasília. Talvez queira ir como para um tratamento de saúde; quer ter o coração no lugar devido; quer instalar seu coração, com a firmeza da pedra e do aço, em seu lugar, no lugar que lhe corresponde, no peito do país, ali mesmo onde só existe erva selvagem, onde as feras podem atacá-lo e destruí-lo em qualquer momento. Isso é o que querem os brasileiros: instalar seu coração no coração do território, esperando com isso dar expansão à sua textura física e recuperar assim sua saúde comprimida.

... Assim é Brasília, assim é o sentimento do povo brasileiro. Brasília é uma consequência do sentimento do povo; é uma necessidade, certo, mas uma necessidade pré-fabricada; algo que, apesar de constituir o coração do progresso do país, a união das artérias e das veias por que há de correr seu progresso, vai dar motivo de justificação ao homem brasileiro para que, no resto de sua vida, diga com orgulho, e com vaidade incontida, que «o Brasil é o maior do mundo» e que o brasileiro haverá de viver enquanto existir o mundo.

112

*De um artigo de «La Noche», de Vigo,
de 13 de janeiro de 1959:*

Os planos de Brasília serão concebidos com ordem e rigor, mas a cidade será alegre e bela, sua expressão

um digno resultado da especulação intelectual. Uma cidade que, com o tempo, não será apenas a residência do Governo e da administração, mas um dos centros culturais mais conscientes e importantes do país.

FINLÂNDIA

113

*De um artigo na revista «Kuva-Posti»,
de Helsinki, de 18 de agosto de 1958:*

Uma cidade de outro planêta.

Brasília está sendo construída num verdadeiro estilo de ficção científica...

... Esta é a história de um sonho e também de um país que, tendo em vista seu futuro, busca novas estradas.

... Pode imaginar-se desde já o contraste que a nova cidade estabelecerá com a natureza circunstante — como uma cidade de outro planêta.

Que oportunidade para que os arquitetos criem algo de realmente novo! Os artistas deram à sua imaginação completa liberdade; a empresa é algo fantástica — mas ainda mais fantástico é que já se haja marcado data para a inauguração oficial da cidade.

FRANÇA

114

*Opinião do arquiteto André Guton sobre
o Palácio da Alvorada:*

É preciso evitar a todo preço que o copiem; é preciso impedir o que nós em França chamamos «une chute»,

ou seja, uma avalanche de símiles. Eu desejo que Brasília represente para os brasileiros o que Versailles representou para a França: três séculos de felicidade. Versailles deu coragem muitas vezes à França desanimada. Quando os franceses diziam «nós fizemos Versailles», readquiriam forças para a luta. Sim, Brasília será o Versailles brasileiro, dará intrepidez e felicidade ao Brasil.

115

Legenda de uma reprodução da maquette dos edifícios do Congresso, em «La Marseillaise», de Marselha, de 18 de outubro de 1958:

Brasília, a capital do ano 2.000. O Governo brasileiro realiza a construção de uma nova capital, Brasília. Será, no dizer dos arquitetos, a mais moderna metrópole do mundo.

116

De um artigo de Rolf Lemoine («Brasília: uma Cidade nascida do deserto») em «Le Figaro», de Paris, de 4 de novembro de 1958:

As fotografias (da Exposição Brasília, no novo edifício da UNESCO) mostram o gigantesco esforço dos pioneiros que trabalham, há dois anos, em Brasília, em ritmo intensivo.

... O arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer, encarregado de conceber os edifícios governamentais atualmente em construção, empregou, para êsse fim, o aço,

o vidro, e o concreto armado, em profusão. Ele está criando uma cidade que, se pode sem dúvida surpreender europeus habituados a uma arquitetura menos ousada, não será chocante num país novo, sobre um platô que era deserto há poucos meses.

117

*De um artigo em «L'Aurore», de Paris,
5 de novembro de 1958:*

Em 21 de abril de 1960, feriado nacional, a 940 quilômetros do Rio, o coração federal do Brasil começará a pulsar no peito de Brasília. Criando, num alto platô ainda deserto em 1956, uma capital ultra-moderna de 500.000 habitantes, a um tempo Washington e Versailles, o Prseidente Kubitschek confia numa «marcha para o Oeste» que, promovendo a valorização das terras interiores, aliviará as zonas litorâneas de um temível excesso demográfico.

118

*De um artigo de L.B.G. em «Combat»,
de Paris, 6 de novembro de 1958:*

A futura Capital, de 500.000 habitantes, cercada de um grande lago e de florestas, não será, como Camberra, apenas uma cidade de burocratas, mas um centro cultural e econômico muito ativo.

Na época colonial, o afluxo da população se processava em direção à faixa litorânea e ao sul. Brasília lançará suas vistas para a Amazônia.

De um artigo de André Stirling, a propósito da Exposição Brasília efetuada na UNESCO, publicado em «Arts-Spéctacles», de Paris, de 19 de novembro de 1958:

Diante da reprodução das «maquettes» do grande arquiteto Oscar Niemeyer, a única sensação é de maravilhamento.

... Em Brasília, tudo parece surpreendente!

... É de desejar-se que essa cidade espontânea, que, no estado atual, cai literalmente do céu, e cujo contôrnio não deixa de evocar a dupla aleta do arado, seja a sementeira frutuosa de um conceito de vida em que o homem moderno não se sinta desorientado.

De um artigo em «Les Echos» de Paris, 27 de novembro de 1958:

No terreno arquitetônico, Brasília foi concebida de maneira monumental, agrupando num espaço relativamente restrito os grandes serviços da vida parlamentar, a residência do Presidente da República, os principais ministérios.

O objetivo político do Presidente Kubitschek é sem dúvida alguma impressionar a imaginação da população brasileira com uma realização grandiosa e dar à nova capital do Brasil o caráter a um tempo moderno e monumental que corresponda aos movimentos de um país

cujo desenvolvimento demográfico e econômico estarece os estrangeiros.

... É evidente que a criação de Brasília marcará uma nova etapa na expansão brasileira.

121

De uma entrevista concedida em dezembro de 1958 à Rádio-Difusão Televisão Francesa pelo economista francês Jacques Boudeville:

No Brasil, qualquer política de crescimento e de aproveitamento do território deve evitar dois obstáculos: o primeiro é o impulso isolado de uma metrópole única, São Paulo, por exemplo, que, tal como Paris, não criaria em volta de si senão um deserto; o segundo obstáculo é a dispersão de esforços múltiplos que se limitassem a preencher vácuos qualificados como zonas críticas, ou subdesenvolvidas, o Nordeste e o Centro. A resposta a esse duplo perigo é Brasília.

... Brasília é a um tempo o único símbolo, o único móvel capaz de ser ao mesmo tempo o penhor da integração e da descentralização do Brasil. Sem este impacto psicológico, nunca o continente brasileiro poderia arrancar ao domínio das cidades costeiras os capitais necessários à construção da maior rede rodoviária do Brasil.

... Brasília é a estrela que gera e coordena todas essas rodovias novas. O custo do investimento de Brasília é comparável ao de uma grande barragem, que deve ser amortizado não por uma função única, mas por uma

tríplice vocação: a produção de energia, a criação de um fluxo de transporte, a proteção contra as sêcas e as inundações. Qualquer economista digno dêse título convirá em que a criação de Brasília é comparável ao aproveitamento de uma bacia fluvial, e sinto-me feliz de, a propósito, evocar aqui o eixo Ródano-Reno.

... Em suas fronteiras, o Brasil encerra os territórios da união brasileira. Para a África, seu exemplo federal será muito significativo. A África também deverá passar do desenvolvimento costeiro ao crescimento continental. A capital federal da África futura não será Conakry, nem Dakar, nem Abdijan, mas Bamako, Gao ou Niamey. A coordenação federal dos novos complexos econômicos poderá inspirar-se proveitosamente em Brasília.

IRLANDA

122

De um artigo de George Bilainkin no jornal «Irish Independent», 1958:

O plano de Brasília é fabuloso sob todos os pontos de vista, em todos os níveis, no desenho, nas proporções, na forma.

ITALIA

123

De um artigo em «La Domenica del Corriere», de Milão, de 2 de fevereiro de 1958:

Em 1 de abril de 1960, a capital do Brasil será mudada oficialmente do Rio de Janeiro para Brasília. Não busqueis essa cidade nas cartas geográficas, pois

PRESIDENCIA DA REPUBLICA BIBLIOTECA

ainda não está aí assinalada. É uma cidade que os brasileiros estão construindo a quase mil quilômetros do Rio de Janeiro, no interior, no Estado de Goiás.

... Brasília não é apenas um projeto, ali já se construíram quinhentas casas, um hotel de seis andares, a residência do Presidente da República; mais de cem organizações, bancos e escritórios já têm sede em Brasília. Todavia, os edifícios em construção são ainda mais numerosos e imponentes; a zona da futura capital assemelha-se a um canteiro imenso, rigoroso, geométrico, percorrido em tôdas as direções por um exército espantoso de formigas: as centenas e centenas de *bulldozers* que estão em movimento durante vinte e quatro horas por dia, sem um átimo de repouso, remexendo cerca de sessenta mil metros cúbicos de terra.

... A nova Capital, nas intenções dos que a constroem, deverá vencer a mentalidade litorânea dos brasileiros, adensados junto ao mar como nos primeiros tempos da colonização, interessados nas riquezas naturais do interior mas sempre prontos a um salto, a qualquer momento, em direção à Europa. O futuro do Brasil está no seu interior; começa agora uma nova corrida para o Oeste, como aconteceu há um século nos Estados Unidos. O nascimento de Brasília pretende secundar êsse desdobramento social.

124

*De um artigo de Raniero La Valle em
«Il Popolo», de Roma, de 9 de setembro de
1958:*

Hoje, 8 de setembro, foi a jornada de Brasília (do Presidente Giovanni Gronchi) — da cidade que não é

feita de pedra, mas de promessas, da cidade que não nasce espontâneamente junto a um rio ou a uma estrada, mas nasce, contra qualquer lógica aparente, no coração do Brasil, na solidão de um grande altiplano de terra vermelha, por uma decisão que se tomou junto a uma escrivaninha. Dessa cidade, vêem-se apenas, por agora, os confins e as estradas de terra batida; mas já se imaginam os perfis dos arranha-céus, adivinham-se as ousadas e moderníssimas formas arquitetônicas projetadas.

... Qual é a lógica desta cidade improvisada? A cidade responde a uma profunda intuição do curso das coisas. O futuro do Brasil reside na marcha para o interior, na conquista de novos céus e de novas terras, de regiões inóspitas e riquíssimas, até agora relegadas a seu estado natural. Trata-se de proceder a uma inversão de caminho das correntes migratórias internas, de estimular novos estabelecimentos urbanos e rurais, distantes da costa onde se concentra a população brasileira e onde permanece circunscrito o progresso civil.

... Hoje, talvez, Brasília possa parecer uma empresa desproporcionada ante as possibilidades econômicas brasileiras. Mas, daqui a dez anos, poderá dizer-se que, se Brasília foi um ato de audácia, foi um ato de audácia dirigido no sentido exato. E não foi sem um sentido simbólico que os colóquios políticos de hoje, entre Gronchi e Kubitschek, aconteceram nesta cidade do futuro, onde a Embaixada da Itália já dispõe do terreno que o Brasil lhe doou.

125

De "uma correspondência publicada no «Rome Daily American», de Roma, em 20 de setembro de 1958:

Esta excitante cidade em construção, Brasília, a nova capital de um país que tem cêrca da metade de todo o continente sul-americano, é maior que todos os Estados Unidos, quase o dôbro de todos os países do Mundo Ocidental livre na Europa e quase sete vêzes maior que a África do Sul. Brasília tem hoje o aspecto das coisas permanentes e um ar de vitória. A perdurabilidade emerge do fato de que a primeira etapa do vasto sonho do Presidente Juscelino Kubitschek se tornou realidade.

126

Opinião do Deputado italiano Alberto Folchi, quando de sua visita a Brasília em setembro de 1958:

O esforço que aqui se realiza é ciclópico. Brasília é algo de maravilhoso, que compreendemos perfeitamente em suas finalidades. O que mais nos impressiona, porém, é que se trata de um organismo são, construtivo e de auspicioso futuro.

127

Opinião do arquiteto Luigi Piccinato, em entrevista ao «Correio da Manhã», 30 de novembro de 1958:

O Palácio da Alvorada é belo, bellissimo! Observando de fora, eu me perguntava, preocupado, como

poderia um palácio presidencial tão aberto dar possibilidade à vida privada? E a resposta me foi dada no interior, onde por uma inteligentíssima solução, de um conforto vertical e horizontal, se conseguiram isolar, sem transição brusca, os aposentos propriamente ditos. Muitos especialistas irão discordar de vários pontos, mas não importa. Avante!

NORUEGA

128

*De um artigo no jornal «Morgenbladet»,
de Oslo, 22 de novembro de 1958:*

Brasília será a primeira cidade no mundo planejada de acôrdo com as mais arrojadas doutrinas da arquitetura moderna.

PAÍSES BAIXOS

129

*Do semanário «Elseviers», da Haia, de
3 de janeiro de 1958, trecho de ampla reportagem
ilustrada sôbre Brasília:*

... Num planalto inteiramente despovoado está sendo construída a cidade mais moderna do mundo.

Numa região do tamanho da Província de Guérlia, a quase 1.000 quilômetros da costa, está sendo executado hoje o maior projeto de arquitetura urbana de nosso século.

... Resumindo: recebemos de Brasília uma impressão que é a de uma grande cidade e, ao mesmo tempo, uma cidade rural, realística e, apesar de tudo isso, lírica!

O projeto de Lúcio Costa é um exemplo magnífico de uma cidade do futuro, de uma cidade onde será agradável viver e trabalhar. É animadora a idéia de que tais cidades possam construir-se, não apenas no Brasil, mas em qualquer lugar do mundo, onde o homem progressista consiga libertar-se das opiniões conservadoras, a fim de proporcionar uma vida mais feliz às gerações futuras.

Brasília conservará, com certeza, e para sempre, o cunho do espírito de fantasia e de senso realista que empolgou Lúcio Costa, quando criou essa cidade de sonho em uma hora de inspiração!

PORTUGAL

130

*Do discurso do Senhor Manuel Rocheta,
Embaixador de Portugal no Rio de Janeiro
quando da sua apresentação de credenciais ao
Presidente Juscelino Kubitschek, em Brasília,
30 de junho de 1958:*

Senhor Presidente.

Tenho a honra de depor nas mãos de Vossa Excelência as Cartas pelas quais o Senhor Presidente da República Portuguesa me acreditou junto de Vossa Excelência como seu Enviado Extraordinário e Embai-

xador Plenipotenciário e dá por finda a missão do meu ilustre antecessor, Sr. Antônio Leite de Faria.

Nada poderia ser tão grato ao meu coração de português, nesta feliz ocasião, como fazê-lo nesta cidade, onde a clarividência, determinação e coragem de Vossa Excelência estão erguendo a nova capital do Brasil, nela criando e reunindo as condições capazes de conduzirem a novos surtos de progresso e de prosperidade êste grande e nobre país, que todos nós, portugueses, estremecemos e amamos, como se nosso fôra.

Permita, pois, Senhor Presidente, que lhe agradeça, em primeiro lugar, a grande distinção e privilégio que me concedeu, determinando graciosamente que eu fôsse o primeiro Embaixador a apresentar-lhe as suas credenciais na cidade de Brasília. E principalmente que Vossa Excelência tenha querido associar o meu país ao grande e ousado empreendimento em que está empenhado, trazendo-o por esta forma, simbolicamente, a participar na marcha da nova Bandeira, que Vossa Excelência está conduzindo, com mão tão firme quanto segura, até êste ponto do interior do Brasil, que sem dúvida será vitalizador centro de convergência dos seus caminhos no futuro. Admitiu Vossa Excelência em um dos seus discursos, que a deslocação do centro do governo brasileiro envolve uma série de implicações, «que se prestam às fugas da imaginação, aos jogos e aproximações com a epopéia, como o de voltarmos a ouvir os passos dos heróis e primitivos conquistadores do nosso território soando no silêncio do interior da pátria».

Nenhumas palavras poderiam definir com mais feliz e expressiva eloquência, Senhor Presidente, o sentimento de emoção que me toma, ao encontrar-me neste lugar recôndito do Brasil que nenhuma luta ainda maculou e se anuncia tão cheio de luminosas promessas. Permitir-me-ia apenas acrescentar que os passos graves e solenes que todos nitidamente escutamos, nesta manhã clara e anunciadora, são os passos resolutos e firmes das novas gerações brasileiras, realizando, pacificamente, e sem sair das próprias fronteiras, pelo milagre da vontade e da inteligência, a grande missão de dar novos mundos ao mundo, que profeticamente foi assinada aos modernos como aos antigos lusíadas.

Possa Deus guiar êsses passos, sempre, para os mais harmoniosos e claros destinos. E sempre o coração dos portugueses estará com êste amado povo do Brasil, a que se sentem ligados indissolúvelmente, pelos laços naturais de sangue, da língua e da tradição, acompanhando-o, fraternamente, nas boas como nas más horas.

Mede a História os grandes homens pela sua capacidade de projetar na realidade do futuro os mais ousados sonhos do presente. Êste sonho antigo, que a vontade esclarecida de Vossa Excelência está animando com o calor da vida, é sem dúvida o mais ousado investimento das presentes gerações do Brasil. A História o compreenderá certamente. Que êle rasgue e ilumine, para engrandecimento e maior felicidade da nação brasileira, novos caminhos e clareiras no futuro — são os votos muito sinceros que hoje formulo.

*De um artigo no «Diário de Notícias»,
de Lisboa, de 12 de julho de 1958:*

Cada vez mais, Kubitschek de Oliveira se revela o pioneiro, o bandeirante, o descobridor, o navegante português dos Descobrimentos. O criador de Brasília quiçá ficará na História como o homem que descobriu o Brasil aos brasileiros. Juscelino fala com a abnegação e a criadora fé dos que traçaram as grandes e antigas catedrais e amorosamente as começaram sabendo de antemão que uma longa vida não chegaria para ver o fim da obra. Nestes tempos em que há uma nevrose da criação instantânea, ninguém de boa-fé pode negar verdadeira grandeza aos sentimentos e objetivos do atual Presidente dos Estados Unidos do Brasil. Nós por certo que não. Aqui o dizemos com o mesmo viril desassombro com que o Presidente falou dos portugueses.

*De um artigo de Gastão de Bettencourt,
publicado na «Voz de Portugal», do Rio de
Janeiro, de 1 de fevereiro de 1959:*

Brasília é uma revolução... Uma revolução construtiva, uma revolução que dará novos destinos ao Brasil, o encaminhará, finalmente, para os seus rumos definitivos.

Brasília é a grande hora da renovação, do grande impulso de grandeza, do esplendor do Brasil. É o ato de reconhecimento da temerária ação, da gente soberba, dos velhos bandeirantes, que há muito o esperavam...

Com Brasília, o Brasil será maior... Em todos os sentidos...

Portugal... os portugueses têm naturalmente os olhos e o coração em Brasília, nesse quase milagre da vontade do homem, revendo nos brasileiros de hoje o espírito de aventura dos seus ancestrais, que pela audácia, teimosia, destemor e alto sentido civilizador, descobriram, colonizaram, povoaram, alargaram, civilizaram, abriram caminhos, plantaram, desvendaram as riquezas ocultas na terra fecundíssima do novo continente onde gente e terra eram acessíveis e amáveis, quase sempre, embora não faltassem também os perigos ocultos, traiçoeiros, as inclemências, os mistérios assombradores das selvas virgens e impenetráveis, que foram violadas heróicamente.

E para que o Brasil nunca deixe de ser fiel ao seu passado glorioso, ao esforço gigantesco dos que o fizeram, ao espírito que o informou, o Presidente Kubitschek de Oliveira, que em tanto tem afirmado a sua fidelidade aos seus ancestrais, quis que ali tivesse réplica solene o ato exemplar, e magnífico de se repetir aquêlo gesto sublimemente cristão de quinhentos, cantando no solo onde a nova capital do Brasil ia surgir, esplendorosa, capaz de grandes destinos e cometimentos, a Cruz da Fé que liga eternamente portugueses e brasileiros. Que o Chefe do Estado Português fôsse o primeiro Chefe de Estado não brasileiro a pisar aquelas terras, eletrizadas por uma atividade incessante e febril, onde ficou uma significativa placa de bronze a comemorar essa visita auspiciosa. E, finalmente, que o primeiro diplomata a oficializar com a solene entrega

das suas cartas credenciais, a vida da nova capital, fôsse um diplomata português.

REINO UNIDO

133

Opinião do urbanista britânico Max Lock:

Brasília é um projeto grandioso, que demonstra grande visão.

Levantar uma cidade a quase mil quilômetros da costa é trabalho ingente. Espero que a nova capital seja um trampolim para o desenvolvimento do subcontinente que se situa para Oeste. Há enormes possibilidades de utilização do vasto potencial de riqueza dessa enorme zona.

O Palácio da Alvorada e o Hotel de Turismo são belos exemplos da linha clássica na arquitetura moderna. No Palácio, impressiona a simplicidade clássica do exterior e a riqueza e sensação de espaço infinito do interior. As côres foram magnificamente utilizadas, combinando riqueza com simplicidade absoluta.

O conjunto do Hotel é extremamente original e leve.

Grande experiência, minha viagem ao Brasil. Nessa nação realizam-se progressos grandiosos, especialmente no campo da arquitetura.

134

*Opinião do Professor Syme, de Oxford,
sobre o Palácio da Alvorada:*

O Palácio da Alvorada é belo, muito belo. As formas, as soluções espaciais, tudo.

135

Do relatório anual da Câmara de Comércio e Assuntos Econômicos Brasileiros na Grã-Bretanha, apresentado pelo Coronel J. C. Muriel, seu Presidente, em janeiro de 1958:

Brasília representa a realização de um sonho que transcende da imaginação, um projeto fantástico que ultrapassa de longe o que até aqui tinha sido julgado como limite do possível.

136

Opinião do Coronel Peter Townsend, após sua visita a Brasília, em artigo publicado em «O Globo», do Rio de Janeiro, de 31 de janeiro de 1958.

A arquitetura brasileira é mais do que extremamente moderna e funcional. Caracteriza-se por uma qualidade estética que decorre do que eu chamaria idealismo prático, espírito êsse que domina o Brasil atual.

O plano de Lúcio Costa tem uma qualidade espiritual inegável.

137

De uma reportagem de Donald F. Hunter, da agência EFE, divulgada na imprensa europeia em junho de 1958:

O plano de Brasília baseia-se na idéia da grandiosidade. Brasília aparece como uma cidade completa, a despeito dos formidáveis obstáculos administrativos e

financeiros que encontra em seu caminho. Será a primeira vez no século XX que os direitos e as realizações cívicas haverão sido executados nesta escala.

138

Opinião de Sir William Holford, do Instituto de Arquitetos Britânicos e um dos membros da Comissão Julgadora do Plano-Pilôto de Brasília, em correspondência do British New Service publicada no «Jornal do Comércio», do Rio de Janeiro, em 14 de junho de 1958:

O Plano-Pilôto é fundamentalmente muito simples, assim como muito prático o método de crescimento. O simples fato de imaginar-se uma cidade de meio milhão de habitantes como um desenho simbólico e unificado — para nada dizer da construção — requer qualidades de imaginação em escala heróica. É necessário uma confiança, uma persistência imensas, juntamente, como nos dias em que se construíram as igrejas barrocas, com uma profunda humildade.

139

De uma entrevista da Baronesa Jasid Reichardt, crítica de arquitetura do «Art News and Review» de Londres, ao jornalista brasileiro Ribeiro Penna, no «Correio da Manhã», do Rio de Janeiro, de 18 de junho de 1958:

O que mais me agrada é a linha moderna nos traçados e nos edifícios. Por aqui, na Inglaterra, o que

temos de mais moderno ainda é o Festival Hall, construído em 1951... Ninguém bate os brasileiros em arquitetura moderna. Brasília é um sonho.

140

De um artigo de Basil Marriott em «The Builder», de Londres, de 20 de junho de 1958:

Verdadeiramente, o fato Brasília é «clássico» até o grau homérico, e reflete o bizarro sabor mediterrâneo de um largo período da história do Novo Mundo — como o prova a legenda da Atlântida. Por certo, a proto-história do Hemisfério Ocidental parece haver-se concretizado totalmente nesta procura mística de uma renovação de vida no Planalto.

Brasília é uma saga — a palavra plano é demasiado simples para caracterizá-la.

... Como parece emocionante uma aspiração nacional de conjunto, como Brasília, a outro hemisfério hoje incapaz de enxergar algo mais que o fim do aumento de salários da semana seguinte!

141

Opinião do escritor Aldous Huxley, quando de sua visita a Brasília, em 16 de agosto de 1958:

Vim diretamente de Ouro Preto a Brasília. Que jornada dramática através do tempo e da história! Uma

jornada de ontem para amanhã, do acabado ao que está para começar, de conquistas antigas às novas promessas!

142

De um artigo de J. M. Richards, em «The Listener», de Londres, de 13 de novembro de 1958 (lido pelo microfone da B.B.C.):

Notável, no caso da nova capital do Brasil, é que, um mês ou dois depois que os planos extremamente ambiciosos haviam sido anunciados, o trabalho já começara no campo — a centenas de milhas da civilização — e que, agora, dezoito meses depois, os edifícios brotam com frenesi; alqueires de terra vermelha escura que nunca haviam sido revolvidas através da história estão sendo transformados em poeira por batalhões de grandes máquinas desmontadoras; e qualquer coisa que se parece com um plano urbano coerente já é visível do ar.

... A justa posição (do Palácio da Alvorada e da paisagem circunstante) é emocionante, mais ainda talvez porque ela simboliza tōda a empreitada de Brasília, que é uma expressão de fé no futuro por parte de um país composto, da mesma forma, de contrastes extraordinários: um país com cidades altamente civilizadas, dominado — para melhor ou para pior — pelo que há de mais recente em adiantamento científico, ligado por serviços aéreos freqüentes, que, do espaço, permitem contemplar um dos últimos territórios não domados dēste planēta.

Opinião do urbanista Max Lock, em entrevista ao «Correio da Manhã», do Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1958:

O Palácio da Alvorada é uma *suite* de ritmos musicais. Nêle a arquitetura moderna reencontrou o sentido do ritmo que havia perdido. É o começo de um novo classicismo.

De uma correspondência publicada no «Times», de Londres em 8 de dezembro de 1958:

Há apenas 18 meses começou-se a trabalhar no sítio da nova capital que o Govêrno brasileiro está construindo no Estado de Goiás, a 600 milhas a noroeste do Rio de Janeiro. No entanto, o esbôço do plano do Professor Lúcio Costa já é visível no solo. Muitas milhas de estradas, esgotos, encanamentos e linhas de transmissão foram estendidas; dois grandes edifícios foram acabados (um palácio presidencial e um hotel) e alojamento para cêrca de 15.000 pessoas está em construção.

Tudo isso é um feito tanto mais notável quanto o lugar está distante de tudo, lá no centro do interior desabitado do país.

... A impressão (do Palácio da Alvorada) é de espaços belamente inter-relacionados, intensificando-se sua complexidade com o uso de vidraças foscas e de paredes espelhantes.

145

Opinião do arquiteto suíço Jean Pierre Vaugn:

O Palácio da Alvorada é maravilhoso, lindo! A fachada posterior é mais bonita que a entrada principal. O interior tem soluções espaciais interessantíssimas. Mas há um pouco de excesso de imaginação na decoração. O Palácio Alvorada é o palácio mais notável construído desde a Renascença.

146

De um artigo de J. L. R. na «Tribune de Lausanne», de 3 de abril de 1958:

... Assim, está o Brasil criando, numa região até agora mantida passavelmente afastada, uma capital que revolucionará a vida política e econômica do país. Conhecendo o gênio dos brasileiros em matéria de arquitetura, pode assegurar-se que Brasília estará situada ao mesmo tempo entre as mais confortáveis e as mais modernas cidades do mundo.

147

De um artigo de Alberto Sartoris na «Gazette de Lausanne», de 5 de setembro de 1958:

O Brasil prepara-se hoje para transformar sua topografia e seu clima econômico pela transferência da sede de seus poderes públicos. Com Brasília, cujo

Plano-Piloto foi concebido pelo gênio de Lúcio Costa, uma nova cidade substituirá o Rio de Janeiro e marcará o triunfo da cidade futura e do urbanismo funcional. A capital do Brasil deixará o litoral atlântico para organizar-se eficazmente no centro de gravidade de um território imenso, no Estado de Goiás. Graças a uma arquitetura autêntica, o Brasil vai encontrar uma verdadeira sede nacional que lhe permitirá até mesmo modificar inteiramente sua fisionomia industrial e rural.

1170/10/1000 000 0 n

P.R. 32910

IV — OCEANIA

AUSTRÁLIA

148

De um artigo na revista «Current Notes on international affairs», de Camberra, outubro de 1958:

Nos dois últimos anos, a cidade cresceu com tão espantosa rapidez que ninguém pode agora duvidar de que Brasília será mesmo uma realidade e de que sua construção afetará profundamente o futuro desenvolvimento do Brasil.

149

De uma entrevista concedida ao «Correio da Manhã», em 19 de dezembro de 1958, por Sir Alister Maxwell McMullin, Presidente do Senado da Austrália:

A criação de uma nova Capital é um projeto de longo alcance, com benefícios que só poderão ser sentidos depois de algum tempo. O deslocamento do centro político e administrativo a 300 milhas, de Sidney a Camberra, provou ser um ato inteiramente bem sucedido, na Austrália.

TABUA CUMULATIVA

Esta tábua cumulativa assinala as opiniões estampadas no primeiro volume desta série e neste segundo, distribuindo-as por ordem geográfica.

AFRICA

Argélia — I, 9

AMÉRICA

Argentina — I, 11; II, 9

Canadá — II, 11

Chile — I, 15; II, 13

Cuba — I, 16

Equador — I, 17

Estados Unidos — I, 18; II, 13

Honduras — I, 22; II, 18

México — I, 22; II, 18

Nicarágua — I, 23

Paraguai — I, 24

Peru — I, 25

Uruguai — I, 26; II, 19.

ASIA

Israel — II, 21

Japão — I, 29; II, 21

Jordânia — II, 22

União Indiana — I, 31

EUROPA

- Bélgica — I, 33
- Dinamarca — I, 34
- Espanha — I, 36; II, 23
- Finlândia — I, 37; II, 27
- França — I, 38; II, 27
- Irlanda — II, 32
- Itália — I, 42; II, 32
- Iugoslávia — I, 46
- Noruega — I, 47; II, 36
- Países Baixos — II, 36
- Portugal — I, 48; II, 37
- Reino Unido — I, 51; II, 42
- Suécia — I, 54
- Suíça — I, 57; II, 48
- Vaticano — I, 62.

OCEANIA

- Austrália — II, 51.

Este livro, composto e impresso nas oficinas do Departamento de Imprensa Nacional, foi preparado pelo Serviço de Documentação da Presidência da República, tendo-se acabado de imprimir a 23 de março de 1959.